

Nunca é tarde demais

Estava uma manhã de inverno gélida. O Sol ainda não nascera, mas não parecia que chegasse a aparecer. O céu nublado e a geada que se agarrava aos fetos que nasciam de forma rebelde pela calçada faziam com que as pessoas ficassem em casa a tomar um pequeno-almoço tardio, lamentando o facto de não poderem ir visitar aqueles que já não estavam cá para os julgar...

Ainda assim, uma velhinha caminhava lentamente, parando de vez em quando para respirar fundo. Os seus olhos azuis penetrantes e o seu cabelo louro como os campos de trigo revelavam a sua descendência escandinava. Sobre os ombros, trazia um casaco azul petróleo de fazenda até abaixo do joelho e uns sapatos Mary Jane. Apesar do frio, que tinha levado toda a gente a ficar em casa, Clara empenhava um ramo de peónias brancas como a sua pele.

Entretanto, o coveiro procurava vestígios dos jovens que se aventuravam pelo cemitério à noite, para assustarem o elemento mais recente do grupo. Já por várias vezes demonstrara o seu desagrado ao Presidente da Junta de Freguesia, porém, nunca lhe dera ouvidos. “São só miúdos!” – dizia ele. O homem parecia ser mais velho do que realmente era. Talvez fossem os cabelos brancos e as rugas na face ou o aspeto carrancudo que enganavam aqueles que lhe davam sessenta anos.

Estava ele tão focado na sua busca, que nem reparou na forasteira que atravessava o cemitério e se aproximava demoradamente da campa mais solitária de todas. Só quando já estava a entrar na igreja é que reparou na senhora. Nunca a tinha visto a visitar aquela campa. Aliás, nunca tinha visto quem quer fosse a visitar aquela campa. Apesar de só estar à frente do cargo há menos de um ano, já sabia de cor quem visitava os seus entes queridos: a Marta da florista, o Joaquim da padaria, o Jacinto da mercearia, a Nazaré da loja dos bordados e um ou outro que vinha visitar a terra pelo Dia de Todos os Santos.

A curiosidade levou a melhor – “Quem seria aquela mulher afinal?” –, e o coveiro aproximou-se da velhinha. Ao início, receou que ela o mandasse embora, mas esta sorriu quando o viu, o que lhe deu confiança para avançar. – “Bom dia, minha senhora!” – disse intrigado o coveiro.

– Bom dia! Não me chame de minha senhora, por favor. Faz-me sentir velha! – disse a sorrir. – Sou a Clara.

–... Bem, Clara, posso-lhe perguntar o que está aqui a fazer? Isto é, se não se importar! É que eu nunca a vi por estas bandas.

– Oh! É uma longa história. Mas, se não se importar em oferecer-me uma chávena de chá, conto-lhe com todo o agrado! – A verdade é que Clara não estava no cemitério por acaso. Vinha numa missão, e estava animada por esta estar a ir num bom caminho...

“Isto é que é uma pessoa sem papas na língua!”, pensou o coveiro. Por norma, não apreciava pessoas assim, mas aquela mulher intrigou-o. E verdade seja dita, ficou interessado naquela longa história. De facto, o dia parecia calmo, e uma chávena de chá quentinha suave a uma boa ideia.

Assim, levou Clara até ao café que tinha herdado dos seus pais e que só funcionava quando não estava ocupado no cemitério. Podia não ser um grande luxo, mas estava feliz com o que tinha alcançado. A sua casa de xisto condizia com todas as casas da vizinhança. Para uns, podia parecer monótono, mas para ele trazia-lhe uma sensação de conforto. A mobília castanha condizia com as paredes de xisto alaranjadas, e a grande lareira no canto crepitava sonoramente. Passado um bocado, e já com duas chávenas de chá de erva-príncipe na mão, Clara começa a contar a sua longa história ao seu novo hospiteiro.

– Sabe... eu venho cá todos os anos visitar um antigo colega de trabalho. Nunca fomos muito próximos, mas nunca deixei de cá vir, uma vez que a sua morte mudou a minha vida por completo. Não me leve a mal, por parecer desrespeitosa à morte do meu colega, mas a sua morte trouxe vida à minha vida.

Eu trabalhava numa empresa de gestão e aquele emprego era tudo para mim. Levantava-me com o Sol para ir trabalhar e só regressava quando a única luz que havia na rua era a da lua e das estrelas. Quando chegava a casa, fazia qualquer coisa rápida para comer, via as notícias e ia-me deitar. Era assim a minha rotina. Trabalhava nos fins de semana e não tirava férias. Nem sabia o que responder quando me perguntavam se era feliz. Tinha um emprego, e era bem-sucedida. Fui promovida até já não existirem mais cargos acima do meu. Ganhava rios de dinheiro, mas não sabia o que fazer com ele. Tinha uma casa

no bairro mais caro da cidade, porém, não tinha ninguém com quem a partilhar. Era o que se chama agora uma *workaholic*. Até que um dia recebi uma carta. Estranhei, pois as únicas cartas que recebia eram a avisar que chegara a hora de pagar as contas. Quando a abri, reparei que era a notificação do funeral de um ex-colega. Nunca me dei muito com ele, mas, para dizer a verdade, não me dava com ninguém. Ainda equacionei não ir, mas algo me disse para não faltar.

O funeral condizia com aquela manhã de inverno; a falta de familiares e amigos fazia lembrar a falta de folhas nos ramos despidos e o céu cinzento coincidia com o olhar dos poucos que ali estavam. Ao início, senti-me um pouco constrangida. Parecia ser um funeral muito íntimo. Demasiado íntimo para eu estar presente!... Uma senhora de cabeça baixa chorava silenciosamente, como se tivesse vergonha de ser a única que chorava. Atrás dela, dois adolescentes tinham um ar tedioso e contavam os minutos até poderem voltar para casa. Aproximei-me para poder dar as minhas condolências aos seus familiares. Pareciam admirados por ter vindo e, de certa forma, aliviados. Mais tarde, a senhora, que acabei por saber que era irmã do meu colega, contou-me que estava feliz por saber que o seu irmão tinha uma amiga. Na verdade, o seu irmão passava muito tempo no trabalho. Raramente visitava a família e não tinha nenhum interesse, para além do seu emprego.

Quando se despediu de mim, no final do dia, disse-me que estava contente por saber que o seu irmão, afinal, tinha um amigo. Aquilo deixou-me a pensar. Qual fora a última vez que telefonara aos meus irmãos e sobrinhos? Há quanto tempo que não visitava a minha terra natal? Qual tinha sido a última vez que fora ao cinema? As respostas para aquelas perguntas deixaram-me bastante perturbada.

Naquela noite, não consegui dormir. Dei voltas e mais voltas. Quando percebi que contar carneirinhos não me ia ajudar a adormecer, levantei-me, fiz uma chávena de café bem forte, sentei-me na mesa da cozinha, peguei num bloco de notas que nem me lembrava de ter comprado e comecei a escrever. Comecei a escrever tudo aquilo que me deixava feliz. De seguida, fiz uma lista de tudo aquilo que fazia parte do meu quotidiano. A verdade é que não havia nada em comum naquelas duas folhas. A lista não incluía passeios de bicicleta, tocar viola ou passear com os amigos. E aí é que percebi como a minha vida era triste e como tinha saudades do tempo antes de começar a trabalhar.

Sentia saudades dos jantares em família, em que a minha mãe e as minhas tias faziam das mais variadas iguarias. Sentia saudades de ouvir as gargalhadas dos meus amigos de infância. Sentia saudades de quando era feliz e inocente e achava que conseguia mudar o mundo.

Mas sabe o que é que eu fiz? Em vez de continuar a chorar por não ter a vida que realmente queria, pus-me a trabalhar. Sabe, sempre fui uma rapariga trabalhadora, competitiva e persistente. Uma inconformista, que luta pelos seus objetivos de forma obstinada e dificilmente desiste dos seus propósitos.

Assim, passei a noite toda a preparar o meu futuro. Pus a casa à venda, preparei a minha carta de demissão, fiz as malas e comprei um bilhete de avião de volta a casa. E sabe que mais? Tenho vivido os melhores anos da minha vida. Tenho-me sentido muito mais realizada por estar junto dos meus entes queridos, do que quando ganhava muito dinheiro. Bem, é esta a minha história... Espero que tenha achado interessante.

O coveiro ficara a olha desconcertadamente para Clara. Aquela mulher tinha realmente uma longa história, que o deixara a pensar. “Estarei eu feliz com o que sou agora? Tenho saudades de quem era? Vou mudar, ou continuar assim?”. O coveiro, de facto, sentia-se feliz com o seu posto, mas há quanto tempo é que não visitava a sua mãe e o seu irmão?...

Estava tão envolvido nos seus pensamentos, que não se apercebeu de que a senhora já se levantava e se dirigia para a porta.

– Clara, não precisa de ir já embora! Porque é que não fica mais um bocadinho?

– Oh! Não quero abusar da sua hospitalidade. Já fiz o que tinha a fazer e, agora, é hora de ir para casa.

“Já fiz o que tinha a fazer?” Que frase estranha de se dizer – pensou o coveiro para consigo mesmo.

Enquanto Clara se encaminhava para a rua principal, parou por uns segundos e sorriu para si mesma. Tinha levado mais uma pessoa a perceber como tinha saudades do seu antigo *eu*. A verdade é que desde aquele dia que prometera a si mesma ajudar o maior número de pessoas a compreender que podia voltar a ser feliz como antes.

E continuou o seu caminho, naquela manhã de inverno gélida, de céu nublado, com um Sol que teimava em não aparecer, apesar das saudades.